



**SUPERINTENDÊNCIA
DA ZONA FRANCA DE MANAUS**

www.suframa.gov.br

Clipping Local e Nacional On-line

Nesta edição **7 matérias**

Coordenação Geral de Comunicação Social - CGCOM

Manaus, quarta-feira, 13 de junho de 2012

O ESTADO DE SÃO PAULO Brasil abre Rio+20 hoje e quer manter conquistas da Eco-92..... VEICULAÇÃO NACIONAL	1
FOLHA DE SÃO PAULO Crise deve durar mais dois anos, diz presidente do BC Tombini prevê longo período de incerteza nos mercados e baixo crescimento..... VEICULAÇÃO NACIONAL	3
FOLHA DE SÃO PAULO Brasil crescerá menos, afirma Banco Mundial..... VEICULAÇÃO NACIONAL	5
O GLOBO Da Eco-92 à Rio+20: Duas décadas de debate ambiental..... VEICULAÇÃO NACIONAL	6
O GLOBO Rio+20 e a mudança de paradigmas..... VEICULAÇÃO NACIONAL	8
BRASIL ECONÔMICO-SP Crise não vai tirar visibilidade do evento, afirma Dilma..... VEICULAÇÃO NACIONAL	9
BRASIL ECONÔMICO-SP Dilma sai em defesa da Rio+20 e garante sucesso do evento..... VEICULAÇÃO NACIONAL	10

	VEÍCULO O ESTADO DE SÃO PAULO	EDITORIA
	TÍTULO Brasil abre Rio+20 hoje e quer manter conquistas da Eco-92	
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Governo defenderá princípio das responsabilidades comuns, mas diferenciadas

A Conferência da ONU sobre **Desenvolvimento** Sustentável, a Rio+20, começa hoje com o **Brasil** disposto a não retroceder em pontos conquistados na Eco-92, a reunião realizada no Rio há 20 anos. Em especial, exemplificou o chanceler Antonio Patriota, ter o ser humano como o centro e manter o princípio das responsabilidades comuns, mas diferenciadas - ou seja, todos têm compromisso com as mudanças, mas os ricos têm mais, porque contribuíram mais com a degradação do planeta. Até ontem, havia confirmação da vinda de delegados de 186 dos 193 membros da ONU - os EUA serão representados pela secretária de Estado, Hillary Clinton.

Brasil abre Rio+20 sem expectativa de grandes avanços em relação à Eco-92

Na véspera da abertura da conferência, os ministros Antonio Patriota e Izabella Teixeira admitem dificuldades para obter avanços e buscam evitar retrocessos do que foi alcançado 20 anos atrás

Felipe Werneck, Giovana Girardi e Bruno Deiro, do Rio

A Conferência das Nações Unidas sobre **Desenvolvimento** Sustentável, a Rio+20, começa nesta quarta-feira, 13, no Rio de Janeiro, com o **Brasil** sem grandes expectativas de avanços em relação à Eco-92. Até ontem, havia confirmação da participação de representantes de 186 dos 193 países-membros da ONU - a secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, representará o presidente Barack Obama.

Veja também:

Veja os locais onde ocorrem os eventos

Blog com a cobertura completa da Rio+20

ESPECIAL: Tudo sobre a Rio+20

Em uma entrevista sem muito entusiasmo, os ministros Antonio Patriota (Relações Exteriores) e Izabella Teixeira

(Meio Ambiente) afirmaram no Riocentro, sede do evento, que o País chega à última etapa de negociações antes da cúpula dos chefes de Estado (que ocorre na semana que vem) com a posição de fortalecer as conquistas dos últimos anos e não retroceder em pontos conquistados na Rio-92.

Em especial, exemplificou Patriota, ter o ser humano como o centro das atenções e manter o princípio das responsabilidades comuns, porém diferenciadas. Ou seja, todos têm compromisso com as mudanças, mas os ricos têm mais, porque historicamente contribuíram mais com a degradação do planeta.

"Há 20 anos a crise econômica afetava os países em **desenvolvimento**. Agora os países que estavam na periferia trazem as respostas para a crise. A periferia virou o centro", disse Patriota em coletiva à imprensa.

Mais cedo, Izabella havia comparado o impasse atual nas negociações com o que ocorreu no ano passado durante a conferência do clima (COP-17), em Durban, África do Sul. "Fomos para Durban e todos diziam que não ia dar em nada, mas conseguimos reverter a situação", lembrou a ministra. Em dezembro último, representantes de 194 países concordaram, após exaustivas negociações concluídas no fim da conferência, em renovar o Protocolo de Kyoto para, pelo menos, até 2017.

Consenso. A ONU já dá como certo que as negociações não se encerram ao longo desses três dias de reunião preparatória e continuarão até a reunião dos chefes de Estado, no final da semana que vem. Por enquanto há consenso em relação a menos de um quarto dos parágrafos do documento.

Sobre a divergência entre países ricos e pobres, um representante da ONU disse que hoje não dá mais para falar em polarização Norte-Sul nos mesmos termos que se falava na ECO-92.

"Quando se fala de Brasil, sexta economia do mundo, de China, de Índia, em que categoria eles se colocam como pobres? Claro que existe muita pobreza ainda. E há um medo dos países em **desenvolvimento** de serem forçados a tomar atitudes imediatas que possam prejudicar o **desenvolvimento** deles. É mais complicado que Norte x Sul. O mundo está muito diferente."

Os principais impasses continuam em torno do fortalecimento do programa das Nações Unidas para o Ambiente (Pnuma) e sobre os temas dos objetivos do **desenvolvimento** sustentável. Uma das principais apostas da Rio+20 é que a conferência possa definir áreas prioritárias para os países avançarem, como uma segunda etapa dos objetivos do milênio. Mas até a última reunião preparatória, no início do mês, em Nova York, não havia consenso nem mesmo sobre quantos deveriam ser esses temas.

Discursos. Já se inscreveram para fazer discursos durante a cúpula 76 presidentes, 6 vices, 44 primeiros-ministros e 7 vice-primeiros-ministros.

Programação

Desafio Rio/Clima

Acadêmicos, parlamentares e ambientalistas vão preparar propostas com alternativas para evitar o aquecimento global e elaborar recomendações que serão encaminhadas para os chefes de Estado reunidos na cúpula.

Local: Sede da Firjan e Forte de Copacabana

Encontro preparatório

Último de uma série de três encontros realizados ao longo do ano para aperfeiçoar o rascunho zero do documento final. Devem sair amarrados os principais temas que vão constar do

documento final.

Local: Riocentro

Abertura oficial dos debates

Cerimônia indígena do fogo sagrado ocorrerá às 18 horas.

Local: Aldeia Kari-Oca

Fórum de Ciência, Tecnologia e Inovação para o Desenvolvimento Sustentável

Local: PUC

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Crise deve durar mais dois anos, diz presidente do BC Tombini prevê longo período de incerteza nos mercados e baixo crescimento		
	ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Recaída na Europa e falta de vigor na China e nos Estados Unidos fazem Banco Central rever cenário externo

MAELI PRADO

DE BRASÍLIA

O presidente do Banco Central, Alexandre Tombini, advertiu ontem que os efeitos da crise internacional poderão durar mais dois anos, submetendo a economia global a um longo período de incerteza e baixo crescimento.

"Teremos ao longo dos próximos trimestres, e quem sabe dos próximos dois anos, um cenário ainda caracterizado pela volatilidade dos mercados internacionais e crescimento mais baixo do que se esperava há alguns trimestres", afirmou, em audiência na Comissão de Assuntos Econômicos do Senado.

Foi a primeira vez que o presidente do BC foi mais específico em relação à duração estimada dos impactos da turbulência internacional.

Se a previsão de Tombini se confirmar, a presidente Dilma Rousseff terá enfrentado quatro anos de baixo crescimento ao chegar ao fim do mandato, em 2014, quando poderá concorrer à reeleição.

Tombini disse que, do início do ano para cá, a economia europeia teve uma "recaída" com a dívida grega e os questionamentos sobre o sistema financeiro na Espanha.

Ele mostrou aos parlamentares projeções externas que apontam para um crescimento global de 2,3% neste ano, abaixo dos quase 3% esperados no final do ano passado.

No caso dos EUA, Tombini disse que a perspectiva é de expansão "moderada". Sobre a China, afirmou que o país tem como administrar um "pouso suave" da economia.

Tombini voltou a repetir que a crise externa ajuda a conter a inflação no Brasil e manteve a expectativa de uma retomada da atividade doméstica no segundo semestre. "Teremos um crescimento do PIB [Produto Interno Bruto] mais forte, pela série de estímulos que a economia já recebeu", afirmou.

O BC está reduzindo a taxa básica de juros desde agosto e anunciou nos últimos meses várias medidas para

estimular a economia. A expectativa do mercado é que o Brasil cresça 2,5% em 2012, abaixo dos 2,7% do ano passado.

Para Monica de Bolle, sócia da Galanto Consultoria, o governo está certo em estimular o consumo, o que pode elevar a taxa de crescimento do país para a casa de 3%.

Para crescer cerca de 4%, seria preciso reduzir mais tributos e impulsionar investimentos. "Para crescer mais de 5%, é preciso ajuda do cenário internacional", disse. "Sem isso, fica difícil repetir a média dos anos Lula."

O diretor de políticas econômicas do Bradesco, Octavio de Barros, observa que a crise no exterior provocou tamanha incerteza que até eliminou vantagens antes vistas nos países emergentes.

"O mau humor global se irradia. Não existem mais "queridinhos" no mundo, nem a China ou a Índia. É uma questão de incerteza geral afetando decisões [de investimento] aqui e lá fora", afirmou.

A bonança provocada pelo aumento dos preços das matérias-primas vendidas pelo Brasil no exterior "não está mais presente" porque a China pisou no freio, disse, lembrando que qualquer sinal de reação na Europa pode ser positivo para o Brasil.

"SPREADS"

Tombini disse na audiência no Senado que os spreads bancários (diferença entre a taxa que os bancos pagam para captar recursos no mercado e o que cobram de consumidores e empresas) estão caindo, mas que esse processo ainda está "no início".

No início de abril, o governo pressionou o Banco do Brasil e a Caixa a reduzirem suas taxas de juros. O movimento foi acompanhado pelos bancos privados.

Sobre a alta do calote, ele pontuou que este deve cair no segundo semestre. "A própria redução dos juros básicos cria um ambiente que permite redução da inadimplência mais para a frente", disse.

Colaboraram MARIANA SCHREIBER e MARIANA CARNEIRO, de São Paulo

Frases

"Teremos ao longo dos próximos meses, dos próximos trimestres e quem sabe dos próximos dois anos um cenário ainda caracterizado pela volatilidade dos mercados internacionais e crescimento baixo"

"A inadimplência vai recuar a partir dos próximos meses. A própria redução dos juros básicos cria um ambiente que permite redução da inadimplência mais para a frente"

ALEXANDRE TOMBINI

presidente do Banco Central

"O governo deveria acelerar concessão e privatização na área de infraestrutura para mudar o clima no empresariado"

ARMANDO CASTELAR

coordenador de economia aplicada do Ibre/FGV

"Vai ser muito difícil retomarmos as taxas de crescimento dos anos Lula porque não há mais a bonança externa"

MONICA DE BOLLE

sócia da Galanto Consultoria

"O mau humor global se irradia. Não existem mais "queridinhos". É uma incerteza geral afetando decisões aqui e lá fora"

OCTAVIO DE BARROS

diretor de pesquisas econômicas do Bradesco

	VEÍCULO FOLHA DE SÃO PAULO	EDITORIA	
	TÍTULO Brasil crescerá menos, afirma Banco Mundial		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

DE NOVA YORK

O Banco Mundial refez as estimativas de crescimento para o Brasil em 2012 e 2013. De acordo com a instituição, o país deverá crescer, no máximo, 2,9% neste ano. A previsão anterior era 3,4%.

Para 2013, o banco estima um incremento de 4,2%. Em janeiro, a projeção era de 4,4%. Os dados estão no relatório "Projeções para a Economia Global", divulgado ontem.

No mesmo documento, o banco divulgou pela primeira vez previsões para 2014. Mesmo com a Copa do Mundo, projetou que a economia brasileira não crescerá mais que 3,9%.

Apesar das ressalvas, as previsões para o Brasil são mais melhores que as dos países ricos. O banco estima que os mercados da zona do euro tenham retração de 0,3% neste ano.

(VERENA FORNETTI)



VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
TÍTULO Da Eco-92 à Rio+20: Duas décadas de debate ambiental		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL

Infográfico mostra como o mundo, o Brasil e o meio ambiente mudaram nesses 20 anos, bem como as expectativas e a herança das duas conferências sediadas pelo Rio.

Pano de Fundo

Em 1992, ano da Eco-92, o mundo havia recém-saído da Guerra Fria e a Europa assinava o Tratado de Maastrich, um marco para a formalização da União Europeia. Ao mesmo tempo, a agenda ambiental ganhava força e passava a ser discutida por toda a sociedade.

Agora, na Rio+20, a discussão ambiental ganhou mais urgência, diante do aumento da temperatura global e da perda de recursos naturais do planeta. O equilíbrio de forças global mudou com a ascensão de países emergentes como China e Brasil. Mas a crise econômica, com seu epicentro na Europa, e as medidas para combatê-la ofuscam as preocupações com mudanças climáticas.

Impacto político

A Eco-92 foi um marco histórico - a maior conferência já realizada no planeta, com a presença de delegações de 178 países. Seu ineditismo fez com que o encontro resultasse em documentos-referência, e a continuação de sua agenda é um dos objetivos da Rio+20.

A Eco 92 também abriu o caminho para o Protocolo de Kyoto (1997), acordo internacional que visava controlar as emissões de gás do efeito estufa. Ainda assim, a ausência de metas concretas fez com que muitos considerassem a Eco-92, na época, uma 'decepção'.

A Rio+20 espera receber delegações de 183 nações e também ficar marcada na história. Mas deve ocorrer sem a presença de líderes **importantes** - não é esperada a vinda de Barack Obama ou Angela Merkel, por exemplo - e num momento de mais ceticismo, diante de fiascos em acordar metas comuns de combate a mudanças climáticas em conferências prévias da ONU.

O debate

A Eco-92 debateu metas para controlar as emissões de CO2 na atmosfera e a criação de parâmetros para a

proteção da biodiversidade, incluindo o uso sustentável de florestas e a compensação (via royalties), para países pobres, pelo uso de seus recursos naturais.

A Rio+20 tem como missão definir os rumos do **desenvolvimento** sustentável nas próximas décadas - em temas como segurança alimentar, economia verde, acesso à água, uso de energia.

Pleiteia-se um acordo de Objetivos do **Desenvolvimento** Sustentável - um conjunto de metas ambientais para a partir da próxima década - além de acordos e protocolos para pôr em prática um modelo socioeconômico que leve em conta preocupações ambientais.

Conclusões e expectativas

A Eco-92 terminou com um **importante** documento simbólico - a Declaração do Rio, que, por conter princípios éticos pela busca de um futuro sustentável, foi considerado o equivalente ambiental à Declaração Universal dos Direitos Humanos - e com a Agenda 21, que traçou a agenda ambiental para décadas seguintes.

Mas o documento não logrou estabelecer compromissos de repasses financeiros de países ricos para programas ambientais, e a redução das emissões de CO2 para níveis dos anos 1990 também foi vaga - e não foi cumprida.

A Rio+20 terá dificuldades em chegar a um documento final de impacto e com metas concretas para os países signatários, já que não há consenso internacional sobre temas como emissão de gases-estufa. Tampouco há previsão de um substituto para o Protocolo de Kyoto, que vence neste ano.

O Brasil

O país-sede da Eco-92 vivia sob seu primeiro governo eleito pelo voto direto após a ditadura, mas a conferência ecológica aconteceu simultaneamente à CPI do Collor, que culminou, mais tarde, no impeachment do presidente Fernando Collor de Mello.

O **Brasil** recebe a Rio+20 num momento de crescimento em sua **produção** de petróleo e como um dos líderes na **produção** de etanol. O país tenta se projetar como líder ambiental global, mas a preservação de seu ecossistema é colocada em xeque por medidas de estímulo ao

desenvolvimento económico (por exemplo, a redução de IPI para montadoras, que incentiva o uso de automóveis).

O debate se estende também ao Código Florestal, aprovado em meio a um enfrentamento entre ambientalistas e ruralistas.

	VEÍCULO O GLOBO	EDITORIA	
	TÍTULO Rio+20 e a mudança de paradigmas		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

O secretário-geral da Rio+20, o chinês Sha Zukang, até parece um brasileiro falando: "Se não terminarmos as negociações esta semana, que fique para a próxima. Espero que isso não aconteça, mas, baseado em nosso histórico, sempre fica tudo para o último minuto." Referia-se à dificuldade de consenso sobre o documento de trabalho da Conferência da ONU sobre Desenvolvimento Sustentável, que hoje se inicia com eventos em vários pontos da cidade.

Desde 1972, quando a ONU realizou a primeira Conferência sobre o Desenvolvimento e o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, tem sido persistente, mas penoso, o esforço para adotar novos modelos que permitam conciliar crescimento econômico com redução da poluição, da pobreza e de desigualdades sociais, menor degradação ambiental e promoção de fontes mais limpas de energia. Há 20 anos, a Rio-92 - hoje considerada um marco - também foi precedida de pessimismo.

O desafio da Rio+20 é tão colossal quanto o dos pioneiros dessa busca de maior qualidade de vida com responsabilidade social, econômica e ambiental. Ou maior. A conferência tentará estabelecer metas para o desenvolvimento sustentável, o que se dá com a conservação dos recursos naturais, garantindo assim um planeta viável para as futuras gerações. Vai além da questão do clima.

Nas palavras de Marcos de Azambuja, negociador brasileiro na Rio-92, trata-se de "uma revisão de toda a civilização e sua maneira de se apropriar dos recursos naturais e de promover o crescimento". Ele acrescenta: "É uma reavaliação da totalidade do comportamento humano." Isto parece vago e ambicioso demais? Talvez. Mesmo o maior otimista não deve esperar que, no dia 22, a conferência dê respostas para questões tão intrincadas como a mudança

mundial dos padrões de produção e de consumo. Para a maioria dos mortais, as autoridades mundiais e os encontros da ONU parecem ir a passos de tartaruga, enquanto catástrofes como o desmatamento, o aquecimento global e o derretimento das geleiras, para citar apenas algumas, andam em velocidade supersônica.

O que se espera da Rio+20 é que ela possa sugerir rumos, promover consensos e estimular medidas na direção da mudança de paradigmas. Especialistas sugerem o aumento da taxa sobre o consumo de produtos não sustentáveis, como combustíveis fósseis, para viabilizar produtos alternativos, menos poluentes; e o apoio, mesmo via subsídios, a sistemas de produção que consumam menos recursos naturais.

Isto não se fará com facilidade. Experiente, o embaixador Azambuja não vê disposição dos governos para alterar as técnicas de produção e consumo. "Tenho dúvidas que os países estejam interessados em fazer sacrifícios", diz. Seja como for, houve grandes progressos nos últimos 20 anos. A mortalidade infantil caiu e a expectativa de vida subiu. No Brasil, o número de mortes entre bebês diminuiu em mais de 60%. O ritmo do desmatamento se reduziu no Brasil e no mundo, embora ainda seja preocupante. Mas a emissão de gás carbônico cresceu muito.

Como há 20 anos, o Rio se torna nesta e na próxima semana o centro de questões vitais que já não são do futuro, mas do presente. Que, como na Rio-92, a cidade inspire e encoraje os envolvidos na grande conferência.

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO Crise não vai tirar visibilidade do evento, afirma Dilma		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Para a presidente, discussão sobre meio ambiente está na "ordem do dia"

Para a presidente Dilma Rousseff, o grande desafio da Conferência das Nações Unidas sobre **Desenvolvimento Sustentável** (Rio+20) é encontrar um modelo que combine **desenvolvimento** sustentável, crescimento econômico e inclusão social. Os eventos paralelos à Rio+20 começam hoje, no Rio de Janeiro, e vão até o dia 22, data final da conferência oficial. Ao discursar ontem, em Belo Horizonte, durante cerimônia de reformas do anel rodoviário da cidade, Dilma afirmou que a discussão sobre o **desenvolvimento** sustentável está na "ordem do dia", embora muitos apostem que a crise econômica internacional poderá tirar a atenção das questões suscitadas por tal modelo de **desenvolvimento**. Hoje, a presidente estará no Rio, para a abertura dos eventos relacionados à Rio+20.

De 20 a 22 de junho, a Conferência terá como destaque a presença de mais de 115 chefes de Estado e de governo que se concentrarão nos debates sobre a defesa do meio ambiente com **desenvolvimento** sustentável e inclusão social. As atenções estarão voltadas para os presidentes François Hollande (França), Vladimir Putin (Rússia) e Mahmoud Ahmadinejad (Irã), entre outros. Pela primeira vez, Hollande, que assumiu o governo no último dia 15, virá à América Latina. Ele tem a simpatia de vários presidentes latino-americanos, inclusive a da presidente Dilma.

Pela segunda vez na Presidência da Rússia, Putin é considerado um dos principais líderes políticos do mundo. Ele promove, ao lado da China e do Irã, ações para impedir a intervenção militar na Síria - cuja crise social e política dura 15 meses. O russo é responsável também por evitar a adoção de mais medidas restritivas ao governo do presidente sírio, Bashar Al Assad. A visita de Ahmadinejad ocorre no momento em que o Irã retoma as negociações com a comunidade internacional na tentativa de encerrar o impasse sobre o programa nuclear do país.

Também confirmaram presença o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, e os presidentes da China, Hu Jintao, e da África do Sul, Jacob Zuma, que integram o Brics (grupo formado pelo Brasil, a Rússia, Índia, China e África do Sul). Da América Latina, também deverão comparecer Cristina Kirchner (Argentina), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador) e José Pepe Mujica (Uruguai). Com ABr

Dilma Rouseff

Presidente do Brasil

A presidente afirmou ontem que é possível ter um país que se desenvolva economicamente, cresça e inclua sua população, com justiça e respeito ao meio ambiente

François Hollande

Presidente da França

Pela primeira vez na América Latina, o presidente francês fará discurso em favor do **desenvolvimento** sustentável e dos esforços em busca do combate à fome e à miséria

Vladimir Putin

Presidente da Rússia

Considerado um dos principais líderes políticos do mundo, ele promove, ao lado da China e do Irã, ações para impedir a intervenção militar na Síria, cuja crise social e política dura 15 meses

Mahmoud Ahmadinejad

Presidente do Irã

É alvo de polêmicas devido ao programa nuclear desenvolvido pelos iranianos e por suas declarações. Ele está no **Brasil** pela segunda vez. A primeira foi em 2009, quando reuniu-se com Lula

	VEÍCULO BRASIL ECONÔMICO-SP	EDITORIA	
	TÍTULO Dilma sai em defesa da Rio+20 e garante sucesso do evento		
ORIGEM INICIATIVA DO PRÓPRIO VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	ENFOQUE DE INTERESSE	VEICULAÇÃO NACIONAL	

Para presidente, sustentabilidade está na "ordem do dia" e debate não será ofuscado pela crise.

Crise não vai tirar visibilidade do evento, afirma Dilma

Para a presidente, discussão sobre meio ambiente está na "ordem do dia"

Redação

Para a presidente Dilma Rousseff, o grande desafio da Conferência das Nações Unidas sobre **Desenvolvimento Sustentável** (Rio+20) é encontrar um modelo que combine **desenvolvimento** sustentável, crescimento econômico e inclusão social. Os eventos paralelos à Rio+20 começam hoje, no Rio de Janeiro, e vão até o dia 22, data final da conferência oficial. Ao discursar ontem, em Belo Horizonte, durante cerimônia de reformas do anel rodoviário da cidade, Dilma afirmou que a discussão sobre o **desenvolvimento** sustentável está na "ordem do dia", embora muitos apostem que a crise econômica internacional poderá tirar a atenção das questões suscitadas por tal modelo de **desenvolvimento**. Hoje, a presidente estará no Rio, para a abertura dos eventos relacionados à Rio+20.

De 20 a 22 de junho, a Conferência terá como destaque a presença de mais de 115 chefes de Estado e de governo que se concentrarão nos debates sobre a defesa do

meio ambiente com **desenvolvimento** sustentável e inclusão social. As atenções estarão voltadas para os presidentes François Hollande (França), Vladimir Putin (Rússia) e Mahmoud Ahmadinejad (Irã), entre outros. Pela primeira vez, Hollande, que assumiu o governo no último dia 15, virá à América Latina. Ele tem a simpatia de vários presidentes latino-americanos, inclusive a da presidente Dilma.

Pela segunda vez na Presidência da Rússia, Putin é considerado um dos principais líderes políticos do mundo. Ele promove, ao lado da China e do Irã, ações para impedir a intervenção militar na Síria — cuja crise social e política dura 15 meses. O russo é responsável também por evitar a adoção de mais medidas restritivas ao governo do presidente sírio, Bashar Al Assad. A visita de Ahmadinejad ocorre no momento em que o Irã retoma as negociações com a comunidade internacional na tentativa de encerrar o impasse sobre o programa nuclear do país.

Também confirmaram presença o primeiro-ministro da Índia, Manmohan Singh, e os presidentes da China, Hu Jintao, e da África do Sul, Jacob Zuma, que integram o Brics (grupo formado pelo Brasil, a Rússia, Índia, China e África do Sul). Da América Latina, também deverão comparecer Cristina Kirchner (Argentina), Evo Morales (Bolívia), Rafael Correa (Equador) e José Pepe Mujica (Uruguai).

Com ABr